

A POÉTICA DOS MOVIMENTOS TROPÍSTICOS: A ESTÉTICA DE NATHALIE SARRAUTE

Ana Carolina de Oliveira Morais
Mestranda da Área de Pós-graduação em Estudos
Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês
Orientadora: Gloria Carneiro do Amaral

Este resumo é fruto da apresentação “Reflexões sobre a *sous-conversation* em Nathalie Sarraute”, ocorrida em outubro de 2010 no II Encontro de Pesquisas do Francês. Nesta oportunidade, propôs-se discutir sobre uma das concepções que Sarraute frisa como importante em seu fazer literário: a *sous-conversation*. Mais do que trazer definições, o interesse está em levantar algumas reflexões feitas a partir da análise de um trecho de Enfance (1983) e outro de Tropismes (1939). A intenção foi apresentar uma escritora pouco conhecida no Brasil, explicar em poucas palavras o que ela busca e mostrar nos dois trechos escolhidos uma reflexão sobre a *sous-conversation*, ao mesmo tempo que estabelecer um diálogo com o tema da mesa “Autobiografia e mulheres.

Nathalie Sarraute nasceu em julho de 1900 e morou em alguns países, como Suíça, Rússia e França. Desde criança falava francês, russo e alemão. Aprendeu também a tocar piano e toda esta intimidade com a linguagem pode ser reconhecida em seu estilo de escrita. Estudou história, sociologia e direito, começando sua carreira de escritora em 1932, quando escreve os primeiros tropismos que seriam publicados em 1939. No total, publicou 13 romances, 7 peças teatrais e radiofônicas, alguns ensaios e entrevistas, o mais importante é “L’Ère du soupçon”, traduzido por “A era da Suspeita”. Sarraute começa a ser reconhecida com o livro Portrait d’un Inconnu, reeditado em 1956 com prefácio de Jean-Paul Sartre, já renomado na época. Em 1980, o romance Enfance é traduzido em mais de 20 idiomas, sobretudo por causa de sua popularidade no meio acadêmico, em 1970.

Considerada a primeira escritora do Novo Romance Francês com o livro Tropismes, de 1939, Sarraute não pretende afastar literatura e realidade, mas mostrar que a realidade mudou desde o romance burguês, e que este não deveria ser considerado modelo no séc. XX para o gênero. Nas palavras de Sarraute: “Esta realidade, eu a busco nos movimentos psicológicos em estado nascente, a sub-conversaço, o que eu chamei de Tropismos”.¹

¹ “Cette réalité, je la cherche dans les mouvements psychologiques à l’état naissant, la sous-conversation, ce que j’ai appelé les ‘Tropismes.’” (Sarraute, p. 1598)

Esta busca de Sarraute, que norteia sua obra, é definida por Cristina Vaz Duarte, em sua tese de doutorado A forma literária em Nathalie Sarraute:

“Nathalie Sarraute é considerada a autora dos *movimentos tropísticos*, definidos por ela mesma como os movimentos que resvalam da nossa consciência por serem ínfimos, mas que estão na origem de nossos gestos e, sobretudo, de nossas palavras. Ela os define como movimentos interiores que só podem ser recuperados pela escrita num trabalho de reflexão posterior ao da experiência desses movimentos, que são anteriores às palavras.” (Duarte, p. 28)

Os tropismos são, para a escritora, a pulsação secreta da vida e estão dissimulados no corriqueiro. Logo, podem ser pensados como situações, ou melhor, uma relação efêmera e singular que se dá no sujeito quando as palavras perdem seu significado convencional, ou antes mesmo de existirem para o sujeito. É um momento no qual se toma conhecimento de que as palavras existem por uma necessidade de expressão, mas não podem revelar ou refletir tudo aquilo que as gerou.

Na busca por esta realidade, qual seria o papel das palavras proferidas por narrador e personagem em um romance? Dentre os procedimentos de escrita nas obras de Sarraute, visou-se na apresentação a *sous-conversation*, exemplificada a partir da comparação de dois trechos da obras Tropismes e Enfance.

As duas obras foram comentadas em suas respectivas épocas de publicação justamente por não se encaixarem em classificações romanescas. A escritora da “Era da Suspeita” não teria feito de Tropismes um romance, por não delimitar bem as “categorias narrativas”, ou seja, Tropismes não é um texto com enredo e personagens delimitados. Nem de Enfance uma autobiografia, por também não dar a sua décima obra em prosa características como a busca pela verdade ou pelo conhecimento da história de vida do autor. Os dois títulos são bastante relevantes: Tropismo significa mudança de direção e Infância, em latim, quer dizer aquele que ainda não tem acesso às palavras.

No primeiro trecho de Tropismes (Sarraute, p. 3) é possível identificar que a descrição busca ser fiel à realidade anterior à verbalização, interna ao sujeito. Este que sente não é definido pois a intenção é que narrador, personagem e leitor passem por esta sensação ao mesmo tempo. A eliminação da distância entre as três instâncias é fundamental para que o tropismo, ou a subconversaço, aflore. Em uma frase, poderíamos resumir a cena em: a satisfação dos que olham a vitrine contrastada com o desinteresse das crianças. Mas esta frase nada produz de indescritível, de inominável.

Já no trecho de Enfance (Sarraute, p. 1014-5), o diálogo revela muito pouco do que acontece com o sujeito. A descrição do momento em que se abre o presente reforça a idéia de câmera lenta e cria uma expectativa para um momento importante do discurso. Tudo é preparado para que a atenção não seja desviada do que está dentro da caixa. Recursos como o uso do impessoal (não há um sujeito, ou personagem que desembrulha a boneca), a descrição por partes (primeiro o papel, depois a caixa, então a tampa e ainda o papel de seda) e a utilização dos adjetivos (uma *enorme* boneca) fazem parte da construção desta expectativa que tem como pano de fundo um clichê: crianças adoram presentes e meninas gostam especialmente de bonecas. Este trabalho com situações banais e clichês faz parte da escrita de Sarraute e pode ser encontrada em toda sua obra. Aqui também é possível resumir a cena em: um pai que presenteia a filha com uma boneca, mas novamente perde-se toda a magia, todo o envolvimento construído durante a leitura.

É a partir da fala, ou da ausência dela, que Nathalie Sarraute inicia seu leitor em um mergulho sob a linguagem, sob o cotidiano, sob o consciente. A *sous-conversation* é a porta de entrada e de saída para que aflorem os tropismos, que nem sempre são vivenciados de forma reflexiva pela “personagem”, mas que não passam despercebidos pelo leitor. O diálogo então torna-se um importante ferramenta, mas não aos moldes tradicionais. Para eliminar o abismo que existe entre o diálogo e seu contexto, a autora deve passar junto ao leitor e personagem por esses movimentos, até que os três se envolvam na proteção das palavras. A pontuação própria ao diálogo, como os dois pontos e o travessão, é abandonada ou desrespeitada, assim como as interrupções do narrador como “disse ele”, replicou ela”. Esta idéia tem outras implicações, como a vontade não em dar vida à personagem, mas deixá-la viver; mostrar o cotidiano sem se esquecer do que está por trás, sem cair no clichê.

Em toda a obra de Sarraute, há passagens muito próximas, como esta da boneca, que parecem ter surgido do mesmo fato real. Isto se dá pois esta busca de Sarraute implica necessariamente em uma forte ligação com o real, logo, todos os seus romances têm um tom autobiográfico, pois de onde tirar a realidade, senão daquela em que vive quem escreve. Outra busca constante de Sarraute é por fugir a classificações, reforçando sua busca por um fazer literário sem limitações prévias.

Bibliografia

DUARTE, Cristina Vaz. *A forma literária em Nathalie Sarraute*. Campinas: Editora Komedi, 2007.

GOSSELIN, Monique. *Enfance de Nathalie Sarraute*. Paris: Gallimard, 1996.

SARRAUTE, Nathalie. *Oeuvres Complètes*. Bibliothèque de la Pléiade. Paris: Gallimard, 1996.